

A temática do trabalho e o personagem trabalhador nos mensários sociopolíticos *Caros Amigos* e *Le Monde Diplomatique Brasil*

(La thématique du travail et le personnage travailleur au sein des mensuels sociopolitiques *Caros Amigos* e *Le Monde Diplomatique Brasil*)

Maria Juliana Horta Soares

Faculdade de Letras – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

mariajulianasoares@gmail.com

Résumé: La visée de cet article est de penser la thématique du travail et la place du personnage travailleur au sein des mensuels sociopolitiques brésiliens *Caros Amigos* (CA) et *Le Monde Diplomatique Brésil* (LMDB). Pour réaliser cette analyse, nous avons relié des catégories de la sémiolinguistique (Charaudeau) à d'autres théories antérieures (Bakhtin/Voloshinov, Fiorin, Maingueneau). Parmi les catégories analysées se trouvent la mise en page, la sélection thématique, et le rapport entre la crédibilité et la captation et stratégies pour convaincre sont parmi les aspects analysés. Différences et ressemblances mises à part, ce que nous avons pu constater est que CA, tout comme LMDB, se positionnent en faveur des travailleurs dans le cadre de l'affrontement entre capital et travail. Dans le cas de ces personnages et de la thématique du travail, nous pouvons donc, en effet, les considérer comme des véhicules alternatifs qui combattent l'idéologie dominante et qui dénoncent des formes diverses d'exploitation.

Mots-clés: Analyse du discours; personnage travailleur; stratégies pour convaincre.

Resumo: Este artigo tem como principal objetivo pensar a temática do trabalho e o lugar do personagem trabalhador nos mensários sociopolíticos brasileiros *Caros Amigos* (CA) e *Le Monde Diplomatique Brasil* (LMDB). Para a análise, aliamos categorias da semiolinguística (Charaudeau, entre outros) e de outras teorias linguísticas anteriores a ela (Bakhtin, Fiorin, Maingueneau e outros). Entre as categorias que analisamos estão a mise en page, seleção temática, relação entre credibilidade e captação e estratégias de convencimento. Diferenças e semelhanças à parte, o que pudemos perceber ao fim da análise é que CA e LMDB, no embate capital x trabalho, posicionam-se ao lado dos trabalhadores. Em relação a esses personagens e à temática do trabalho, podem ser considerados, de fato, veículos alternativos, que combatem a ideologia dominante e denunciam diversas formas de exploração.

Palavras-chave: Análise do discurso; personagem trabalhador; estratégias de convencimento.

Introdução

Ao contrário do que os veículos de imprensa costumam afirmar ainda nos dias de hoje, o discurso jornalístico, assim como qualquer outro discurso, não é isento, mas fruto de uma série de escolhas operadas ao longo de toda a sua cadeia de produção. Neste artigo, propomos uma análise contrastiva de aspectos intra e interdiscursivos de *Caros Amigos* (CA) e *Le Monde Diplomatique Brasil* (LMDB) a fim de entender que posicionamento essas publicações constroem no que diz respeito à temática do trabalho e ao personagem trabalhador.

A importância do tema justifica-se, a nosso ver, por dois motivos principais. O primeiro diz respeito ao fato de que “o trabalho humano consolida hábitos, valores, crenças – cultura, enfim, veiculada por muitas linguagens, entre elas a verbal” (FARIA et al., 2011, p. 8). Discursos diversos, entre eles o jornalístico, alvo de nossa pesquisa, são responsáveis por difundir em nossa sociedade a temática do trabalho e dar voz a diversos grupos sociais, entre eles o dos trabalhadores – grupo que representa a maior parcela da população brasileira.

Por outro lado, percebemos que essa difusão não acontece da forma como deveria. Como a sociedade costuma reproduzir os discursos hegemônicos, dos que têm poder econômico, social e cultural, muitas vezes o tema do trabalho aparece apenas sob a ótica do empregador. Raramente o trabalhador é protagonista dos fatos que lhe dizem respeito e, por isso, buscamos¹ destacar discursos em que ele tenha destaque e voz, escolhendo *Caros Amigos* e *Le Monde Diplomatique Brasil* para nossa pesquisa.

Acreditávamos, assim, que, por serem veículos alternativos à mídia de referência, tais mensários trariam um volume maior de matérias sobre a temática do trabalho. Dariam, ainda, mais espaço aos personagens trabalhadores.

A essa hipótese, somou-se uma teórica: seriam compatíveis e complementares categorias provenientes da semiolinguística (Charaudeau, entre outros) e de outras teorias linguísticas anteriores a ela (Bakhtin-Voloshinov, Fiorin, Maingueneau, entre outros). O primeiro campo, da semiolinguística, permitiu-nos fazer a análise dos dois mensários sob a ótica da contradição que os constitui: entre a lógica mercadológica e a simbólica, é preciso convencer o leitor e conquistá-lo. Já os outros estudos linguísticos ajudaram-nos a pensar nos discursos dos mensários no que diz respeito ao seu conteúdo (categorias relacionadas a intradiscursos e interdiscursos, reflexo e refração e estratégias discursivas de convencimento).

As matérias selecionadas para o *corpus*, cinco de cada veículo, foram todas de 2009 e tiveram chamada na primeira página. De *CA* selecionamos “Degradação e violência no tráfico de mulheres” (*CA*, n. 147, junho), “No Brasil quem paga impostos são os pobres” (*CA*, n. 150, setembro), “Governo mantém perdas para 38% dos aposentados” (*CA*, n. 151, outubro), “1 bilhão de mortos-vivos contra as Cutrales do Mundo” (*CA*, n. 152, nov.) e “Guerra do lixo massacra os catadores” (*CA*, n. 153, dezembro). De *LMDB*, “Uma outra matriz produtiva” (*LMDB*, n. 18, janeiro); “Perversos contratos de trabalho” (*LMDB*, n. 22, maio); “Zâmbia: privatização, poluição e pobreza” (*LMDB*, n. 22, maio); “Do trabalho precário ao desemprego” (*LMDB*, n. 23, junho); e “O fim do pleno emprego nas maquiladoras” (*LMDB*, n. 28, novembro).

Para a análise do *corpus*, elegemos aspectos referentes aos seguintes tópicos: *mise en page* (composição da primeira página, organização formal e seleção temática em cada mensário), estratégias de convencimento (seleção lexical; seleção de personagens, com foco nos trabalhadores; relações entre explícitos e implícitos; e silenciamento), relação entre credibilidade e captação e principais oposições discursivas. A partir da análise desses

¹ Esta pesquisa faz parte dos trabalhos do Grupo de Estudos em Linguagem, Trabalho, Educação e Cultura (LinTrab), grupo da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (Fale/UFMG) que, desde 2009, estuda discursos (jornalístico, literário e educacional, entre outros) que tragam a temática do trabalho em destaque e os trabalhadores como protagonistas. Mais informações em: <<http://lintrab.blogspot.com.br/>>.

elementos, pudemos fazer apontamentos sobre o posicionamento ideológico de *CA* e *LMDB* para concluir se, de fato, os dois podem ser considerados veículos alternativos no que diz respeito à temática do trabalho.

Antes de passarmos às categorias de análise, descrevemos brevemente as duas publicações. *Caros Amigos (CA)*, publicado pela Editora Casa Amarela e fundado em abril de 1997, tem como maior desafio, segundo descrição própria (CAROS AMIGOS, s.d.), manter a distância do poder com “independência de opinião, que significa, no caso de *Caros Amigos*, ideias e colocações que não costumam fazer parte do universo da mídia grande, sempre conservadora e comprometida até as entranhas com o *establishment*”.

Le Monde Diplomatique Brasil (LMDB), publicado em edição impressa desde 2007 pelo Instituto Pólis e uma das 71 edições fora da França de *Le Monde Diplomatique* (fundado em 1954), de acordo com seu sítio eletrônico, “[apresenta] independência político-econômica, autonomia editorial e densidade analítica [...] [e] é uma publicação apartidária, pluralista e democrática, que busca ocupar um espaço que não foi até agora devidamente contemplado pelo jornalismo brasileiro” (LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL, s.d.). Assim como *CA*, este mensário propõe, portanto, fazer análises diferentes daquelas trazidas pela mídia de referência.

Categorias analíticas do enunciado

Para organizar melhor nosso estudo, analisamos dois conjuntos de aspectos dos discursos de *CA* e *LMDB*: os concernentes aos enunciados dos mensários e aqueles relativos à enunciação. Para entendermos a divisão, feita por razões puramente metodológicas, distinguimos os dois planos. No *Dicionário de Análise do Discurso*, encontramos a definição de “enunciação” como um “acontecimento em um tipo de contexto e apreendido na multiplicidade de suas dimensões sociais e psicológicas” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 193).

Na perspectiva discursiva, enunciado pode ser considerado, ainda segundo Maingueneau, “como uma sequência verbal relacionada com a intenção de um mesmo enunciador e que forma um todo dependente de um gênero de discurso determinado: um boletim meteorológico, um romance, um artigo de jornal etc.” (MAINGUENEAU, 2000, p. 54-55). O pesquisador equipara o termo a texto, definindo-os como “uma sequência linguística autônoma, oral ou escrita, produzida por um ou vários enunciadores numa situação de comunicação determinada” (MAINGUENEAU, 2000, p. 140).

A distinção já havia sido feita por O. Ducrot (1987), que define “enunciado” como “o objeto produzido pelo locutor tendo escolhido empregar uma frase” e “enunciação” como “a ação que consiste em produzir um enunciado, isto é, dar a uma frase uma realização concreta” (p. 89).

No *Dicionário de Linguística da Enunciação* encontramos, ainda, “enunciação” como a “materialização da interação verbal de sujeitos históricos”, na definição de Bakhtin-Voloshinov (FLORES et al., 2009, p. 99); “instância linguística que permite a passagem da organização virtual do discurso à sua realização”, segundo Greimas (apud FLORES, 2009, p. 104); e “atividade na qual se manifesta a presença codificada do falante naquilo que é falado”, para Jakobson (apud FLORES, 2009, p. 105). “Enunciado” seria

uma “manifestação particular de uma frase” ou uma “unidade argumentativa de sentido”, ambas definições de Ducrot (apud FLORES, 2009, p. 105-106), entre outras.

Em nosso trabalho, selecionamos como aspecto principal da distinção entre enunciação e enunciado a oposição entre produto e processo. Assim, nossa análise está focada tanto no produto, o texto jornalístico formado pelos enunciados selecionados para as páginas dos mensários, quanto no processo de produção desses discursos, a enunciação, que abrange escolhas gráficas e de hierarquização de matérias, entre outras.

Distinção feita, passemos a outro ponto fundamental de nossa pesquisa: o que entendemos por discurso. Como ressaltamos no primeiro parágrafo deste artigo, a construção de um discurso *não* existe dissociada de escolhas. Charaudeau (entre outros teóricos) aponta que tudo em um ato de comunicação envolve tais escolhas, sobretudo na tentativa de provocar efeitos de sentido no interlocutor. “Comunicar, informar, tudo é escolha. Não apenas de conteúdos a transmitir, formas adequadas para estar de acordo com o bem falar e a clareza, mas de efeitos de sentido para influenciar o outro” (CHARAUDEAU, 2005, p. 28, tradução nossa).

À ideia soma-se outra, também fundamental, a nosso ver: não existe conhecimento neutro, “pois ele sempre expressa o ponto de vista de uma classe a respeito da realidade. Todo conhecimento está comprometido com os interesses sociais” (FIORIN, 2001, p. 29). A objetividade ou neutralidade jornalística, até hoje defendida pelos veículos midiáticos, não passa de um dos efeitos de sentido buscados por esses *media*, como veremos adiante.

Discursos são, pois, “um conjunto de temas e figuras que materializa uma dada visão de mundo” (FIORIN, 2005, p. 32). Assim, ao selecionar determinada temática e apresentar personagens ou grupos de personagens dentro dela, um discurso está mobilizando essas pessoas para defender um ponto de vista. Seria ingenuidade pensar que um discurso jornalístico simplesmente abre espaço para que partes envolvidas em um determinado assunto expressem seu ponto de vista. O veículo midiático não só pré-seleciona quem terá essa chance, como confere maior ou menor destaque a cada uma dessas fontes, permite ou não que elas falem por si mesmas etc.

Se os discursos, entre eles os jornalísticos, são materializações de visões de mundo, eles não apenas refletem o que se passa na sociedade. Ao escolher o que terá destaque e o que será apagado de sua materialidade, um discurso está também refratando esses assuntos. As noções de Bakhtin-Voloshinov² (1979, p. 17) de reflexo e refração *são particularizadas às mídias por* Charaudeau:

Se são um espelho, as mídias não são mais do que um espelho deformante, ou mais ainda, são vários espelhos deformantes ao mesmo tempo, daqueles que se encontram nos parques de diversões e que, mesmo deformando, mostram, cada um à sua maneira, um fragmento amplificado, simplificado, estereotipado do mundo. (CHARAUDEAU, 2006, p. 20)

A objetividade jornalística não passa de um construto dos *media* para buscar credibilidade junto ao público leitor, pois aparentar neutralidade é parecer ser sério, verdadeiro. No entanto, como afirma Charaudeau (2006), o espelho da mídia não apenas

² Estudos como o de J.-P. Bronckart e C. Bota (2011), *Bakhtine démasqué, ou a introdução de P. Sériot (2010) à tradução bilingue da obra Marxismo e filosofia da linguagem*, sugerem que a autoria do livro é de Voloshinov. Como a edição que usamos atribui o livro aos dois autores, mantivemos a citação “Bakhtin-Voloshinov”.

reflete, mas distorce a realidade, o que faz ao amplificar, simplificar ou estereotipar um fragmento do mundo.

Além disso, é preciso levar em consideração que a lógica mercadológica influencia em grande parte as decisões desses veículos, que têm, portanto, outros objetivos que não informar, como todo ato de comunicação.

A finalidade última de todo ato de comunicação não é informar, mas persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado. Por isso, o ato de comunicação é um complexo jogo de manipulação com vistas a fazer o enunciatário crer naquilo que se transmite. (FIORIN, 2005, p. 75)

Neste jogo de manipulação, à cada edição os veículos jornalísticos utilizam estratégias que visam a convencer o leitor. Começando pelo *léxico*, o conjunto de itens lexicais selecionados em um texto que *dá dicas sobre o* posicionamento do veículo e sobre o “tom” da matéria. A seleção de personagens, por sua vez, diz sobre os papéis atribuídos a cada grupo envolvido em uma temática (entre eles, o do personagem trabalhador). Já relacionar os implícitos aos explícitos que o texto traz é fazer uma ponte entre aquilo que se realiza no texto (no intradiscurso) e o que pode ser subentendido ou pressuposto a partir dessa materialidade. Há, ainda, o silenciamento: escolher *não dar visibilidade a determinados temas ou personagens* é silenciá-los, buscando apagá-los frente a outros temas e personagens.

Todas essas estratégias discursivas, apreendidas a partir dos enunciados concretizados em um texto, revelam aspectos do posicionamento do veículo. Trata-se neste estudo das marcas que indicam esse posicionamento, favorável ou desfavorável aos personagens trabalhadores.

Para exemplificar a discussão que trouxemos acima, tomemos duas matérias jornalísticas de nosso *corpus*, uma de *CA* e outra de *LMDB*. São elas “Degradação e violência no tráfico de mulheres” (*CA*, n. 147, junho de 2009) e “Perversos contratos de trabalho” (*LMDB*, n. 22, maio de 2009).

Começando por *CA*, a matéria jornalística do mensário estrutura-se da seguinte forma: a história de Maria, brasileira que se prostituiu na Espanha, abre o texto. O primeiro entretítulo, “Fornecedores e receptores”, traz explicações sobre como o tráfico e a exploração sexual de mulheres acontecem mundialmente. Em “Quem são as vítimas” ouvem-se pesquisadores que esclarecem como as mulheres são aliciadas, deixando-se envolver por promessas de uma vida melhor. “Aliciadores e redes de tráfico” revela, a partir da história de uma adolescente baiana de 16 anos, como os aliciadores operam. “Caminhos do tráfico” e “Em terra de espanhol” tratam, respectivamente, dos principais estados brasileiros exportadores de trabalhadoras sexuais e do maior importador dessas pessoas, a Espanha. “De volta para casa”, por fim, aponta as principais estratégias do governo brasileiro para combater a situação e resgatar as vítimas fora do país.

Há, ainda, duas retranscric³: “O mercado de gente rende US\$ 32 bilhões”, que traz as “inúmeras formas da escravidão moderna”, e “Depoimento – Brasileira, prostituída”, que fecha a matéria (a retranscrição está localizada no fim do texto, na parte inferior da última

3 Textos que se somam ao texto principal. Diferentemente dos sub ou entretítulos, são construídos como textos independentes, embora tenham forte ligação temática com a matéria jornalística central.

página) com o depoimento, em primeira pessoa gramatical, de uma brasileira de 27 anos explorada sexualmente na Espanha.

LMDB, por sua vez, inicia “Perversos contratos de trabalho” (n. 22, maio de 2009) traçando um panorama geral da situação no Brasil. A seguir, a frase de abertura: “A cada ano, milhares de trabalhadores rurais vindos de regiões pobres do país são obrigados a trabalhar em fazendas e carvoarias” (SAKAMOTO, 2009, p. 22).

O mensário cita, nesta primeira parte da matéria, dados do Ministério do Trabalho e Emprego e da Comissão Pastoral da Terra, apontando que, hoje, cerca de cinquenta mil trabalhadores brasileiros são vítimas da “escravidão contemporânea”.

A segunda parte do texto é “Modernização incompleta”, que acusa diversos setores do agronegócio de explorar trabalhadores, mesmo às vezes usando tecnologia de ponta em suas atividades. A matéria, neste ponto, contrapõe modernidade a costumes antigos, mostrando que trabalhadores assalariados e “escravos contemporâneos” podem conviver em uma mesma propriedade. *LMDB* denuncia, por fim, que a atuação do governo ainda é insuficiente, e que a reforma agrária seria um instrumento importante para combater esse tipo de exploração.

A descrição que trouxemos acima nos ajuda a entender como *CA* e *LMDB* estruturam suas matérias, construindo seus discursos e firmando um posicionamento. O recorte temático é a primeira escolha que mostra a diferença entre os dois mensários. Apesar de os dois discutirem formas atuais de exploração humana, *CA* opta por abordar a exploração sexual, enquanto *LMDB* trata da exploração de trabalhadores rurais.

A maneira como desenvolvem cada um desses subtemas também é diferente. *CA* traz depoimentos de brasileiras que são ou foram exploradas. Dois desses depoimentos ocupam os espaços de maior destaque na matéria: sua abertura e fechamento. Logo, a publicação busca exemplificar a temática a partir não apenas da demonstração de dados, mas de histórias reais que a ilustram.

Ao fazer essa escolha, *CA* produz, como efeito de sentido, a constatação de que a matéria trata de gente, pessoas cujo próprio trabalho produz sofrimento para elas (trabalhadores) e lucro para outras pessoas (empresários e intermediários). O assunto não é, portanto, abordado de forma abstrata, apenas sob o ponto de vista econômico da questão, por exemplo. O sofrimento das trabalhadoras é o enfoque do texto, concretizando, a partir da história de vida dessas mulheres, o tema da exploração.

Já *LMDB* adota tom mais acadêmico. A matéria discute as causas da exploração do trabalho em propriedades rurais e faz considerações sobre como tecnologias modernas convivem com relações trabalhistas arcaicas no interior do país. No entanto, não traz personagens que passam ou passaram pela situação, mas dados que comprovam sua existência.

Nos exemplos, fica claro que cada publicação produz suas matérias de forma a expor um ponto de vista e concretizar uma visão de mundo. Neste ponto, as duas publicações voltam a se aproximar. Mesmo tratando de subtemas diferentes e estruturando os textos também de forma distinta, ambas defendem os trabalhadores, opondo-se às diferentes formas de exploração do trabalho. Seja contra traficantes, seja contra empresários do agronegócio, *CA* e *LMDB* posicionam-se de forma assertiva contra a ideologia dos exploradores, defendendo os direitos dos explorados. Cobram, ainda, atitudes mais

enérgicas do governo, que precisa rever sua legislação (*CA*) e investir na reforma agrária (*LMDB*).

Do enunciado à enunciação jornalística

Passemos agora à discussão de aspectos relativos mais propriamente à produção do mensário, a como esse discurso jornalístico específico *é elaborado*. Como já começamos a discutir, o discurso jornalístico (em qualquer periodicidade) é regido por uma dupla lógica. Se, por um lado, o público tem que ser conquistado para que compre um jornal impresso, assista a um jornal televisivo ou escute um jornal de rádio, esses mesmos leitores/telespectadores/ouvintes têm que ser convencidos da verdade do que está ali.

Neste duplo movimento, de captar e convencer, o discurso jornalístico tem que “fazer sentir” e “fazer saber” (CHARAUDEAU, 2006, p. 86). Não é só a lógica comercial, mas também uma visada informativa que regem, pois, os veículos midiáticos. Se não podemos negar que esses veículos, de fato, buscam informar e prestar serviços aos cidadãos, não devemos ignorar que precisam vender exemplares (e anúncios) para sobreviverem no mercado.

Voltando ao discurso jornalístico do mensário, o primeiro aspecto que nos chama atenção é a própria periodicidade, que dá ao produtor das matérias um tempo maior para produzi-las, apurá-las e escrevê-las, assim como cuidar melhor de seu “acabamento”, se comparado aos jornais diários ou mesmo a revistas semanais. A desculpa de que o tempo é o inimigo dos jornalistas (e que, por falta dele, fontes deixam de ser ouvidas) parece ainda menos convincente quando pensamos nesses veículos midiáticos.

A *mise en page* ou composição das páginas também tem mais tempo para ser trabalhada nesses veículos. O uso de imagens e a hierarquização de matérias podem ser mais bem elaborados aqui, tendo sempre em vista os efeitos que se pretende provocar no *público-alvo*.

No que concerne, por exemplo, à composição da primeira página, ela acaba mostrando-se bastante distinta em *CA* e *LMDB*. Se *CA dá preferência* ao uso de fotografias e costuma “espalhar” diversas manchetes em sua capa, em *LMDB* ilustrações aparecem com frequência, e o número de chamadas é fixo, oito por edição. *CA* parece, portanto, buscar uma representação mais analógica do mundo (como se o que tivesse acontecido fosse simplesmente “derramado” ali), enquanto *LMDB* apresenta sua primeira página como forma de dominar os acontecimentos (TÉTU, 1989, p. 67-70).

A formatação das editorias⁴, que dizem respeito a como uma publicação hierarquiza e organiza temáticas em suas páginas, é outro aspecto que varia entre *CA* e *LMDB*. Em *CA*, as editorias podem ser encontradas já na primeira página, acima dos títulos das chamadas. São palavras ou expressões que se referem ao assunto que será tratado nas matérias que têm chamada na primeira página. Um exemplo, relacionado a nosso *corpus*, é o uso da palavra “Impostos” (n. 150, setembro de 2009) no mensário. Escrita em fonte

4 Em veículos jornalísticos, as editorias costumam responder a um campo temático, sendo os principais Política, Economia, Cultura, Esportes etc. É o que aponta o *Manual de Redação da Folha*: “Cada uma das seções ou equipes que formam a Redação do jornal. Cada editoria é responsável pela cobertura de determinado campo temático” (EDITORIAL, [s.d.]).

diferente (em maiúsculas e de cor amarela, contrastando com o branco das chamadas), ela antecipa a temática da matéria “No Brasil quem paga impostos são os pobres”. Na primeira página, o título é “Pobres pagam mais que ricos”.

Internamente, no sumário da edição da *CA*, os espaços que recebem essas etiquetas são bastante restritos. São eles “Caros Leitores”, dedicado a *e-mails* e cartas de leitores; “Entrevista”; “Ensaio” (fotográfico); e algumas colunas que têm nome fixo, como “Amigos de papel”, de Joel Rufino dos Santos. Assim, se na primeira página há diversas palavras ou expressões que indiquem qual assunto será discutido por aquela matéria (algumas indicando a localização, como “Honduras”, “Chile” e “Rio de Janeiro”, na edição de outubro, n. 151), no índice, esse tipo de caracterização é mais restrita, limitando-se às colunas ou seções que têm nomes fixos.

Já em *LMDB*, todas as chamadas de primeira página trazem uma palavra ou expressão, logo acima do título da chamada, que indique a temática de que essas matérias jornalísticas tratarão. Por isso, encontramos na primeira página do mensário editoriais que remetem às matérias que tratam da temática do trabalho (selecionadas em nosso *corpus*). Essas editoriais são: “Reformas de base” (na edição de janeiro, editoria da matéria “Uma outra matriz produtiva”); “Formas de exploração” e “Zâmbia” (na edição de maio, editoriais, respectivamente, de “Perversos contratos de trabalho” e “Zâmbia: privatização, poluição e pobreza”); “Trabalho na China” (junho, “Do trabalho precário ao desemprego”); e “Pós-neoliberalismo” (“O fim do pleno emprego nas maquiladoras”, edição de novembro).

Outro aspecto interessante da *mise en page* é a forma como ambos os mensários constroem seus títulos. Em *LMDB*, é mais recorrente encontrarmos títulos nominais, sem verbos, o que acaba ressaltando o assunto (em detrimento das personagens, que, nesse espaço, não aparecem como agentes). As cinco matérias selecionadas em nosso *corpus* têm títulos nominais, entre elas “Uma outra matriz produtiva” (*LMDB*, n. 18, janeiro) e “O fim do pleno emprego nas maquiladoras” (*LMDB*, n. 28, novembro).

CA, por sua vez, traz títulos verbais em três dos cinco exemplos de nosso *corpus*, o que acontece em “No Brasil quem paga impostos são os pobres” (*CA*, n. 150, setembro) e “Governo mantém perdas para 38% dos aposentados” (*CA*, n. 151, outubro). Aqui, a intenção parece ser ressaltar a atualidade das temáticas (ou o “estado atual” das coisas), destacando a relação que esses assuntos têm com o presente. Os títulos acabam, ainda, enfatizando as personagens ligadas a esses assuntos (os pobres, no primeiro título, e o governo, no segundo).

Ainda em relação à *mise en page*, tratemos do uso de imagens. Quando pensamos em fotografias, a primeira função que elas parecem ter no jornalismo é a função indicial, de comprovação de que algo de fato aconteceu, de mostrar ao leitor esse acontecimento (BARTHES, 1964, p. 47). Nos dois mensários, fotografias de trabalhadores são usadas para ilustrar as matérias e comprovar que aquelas pessoas realmente existem (e muitas vezes passam por situações provavelmente difíceis de serem imaginadas pelo leitor, como trabalho análogo à escravidão e tráfico de pessoas).

Barthes vai além e resalta outras funções das fotos: prender, chocar, significar e despertar o desejo (BARTHES, 1980, p. 52-58). As fotografias não têm, pois, função apenas informativa, mas diversas finalidades ligadas não só a efeitos estéticos, mas também de compreensão de um fato. Como afirma Lambert, as fotografias também reproduzem valores ou

mitos de uma sociedade. “No fotojornalismo, informar é também repetir os mitos de uma sociedade” (LAMBERT, 1987, p. 16).

Em *CA* e *LMDB* diversas imagens apelam para a memória discursiva dos leitores, reproduzindo obras de arte. É o caso da *Vênus acorrentada* e com códigos de barra na edição de junho de *CA*, criada para ilustrar matéria sobre tráfico de mulheres, ou a família carente de *LMDB*, que pode ser associada ao quadro retirantes de Portinari na edição de novembro. Ambas as ilustrações reforçam mitos de nossa sociedade. No primeiro caso, algo que deveria ser tratado por sua beleza e força (uma deusa) acaba sendo visto como produto. Em *LMDB*, a família malvestida (de chinelos de dedos) vê nos programas sociais do governo uma forma de melhorar de vida.

No que diz respeito ao recorte de temas que acabam transpostos para as páginas dos veículos, ambos selecionam temáticas segundo a ética cidadã. São temáticas que trazem assuntos relativos à política, saúde, educação, economia etc., ligados à ética cidadã, como ressalta Emediato: “Se a problematização [na mídia] é interna à ética cidadã (a idealidade social, a justiça para todos, a ordem e a segurança pública, [...] etc.), a própria tematização é, de certo modo, dependente dela” (2008, p. 82).

É por isso que temáticas como a do trabalho aparecem em destaque nas duas publicações – o que pode ser comprovado pelas cinco matérias de capa de cada um dos mensários sobre o tema em 2009 selecionadas para nosso *corpus*. No entanto, há uma diferença importante: *CA* concentra-se mais em aspectos da política nacional enquanto *LMDB* traz uma abordagem mais internacional, reforçando sua ligação com o jornal europeu que lhe deu origem.

Estratégias de convencimento e relação entre credibilidade e captação

Retomemos agora as estratégias de convencimento para analisarmos algumas pistas de como são desenvolvidas nos mensários. Começamos pela seleção lexical, a mais básica das estratégias. Temos, tanto em *CA* quanto em *LMDB*, uma linguagem ora mais técnica, ora mais “apelativa”. Como todas as matérias são assinadas, podemos imaginar que haja certa variação na escolha do léxico entre um autor e outro. Mas, analisando o conjunto de matérias em nosso *corpus*, pudemos descobrir alguns aspectos em comum dentro de cada publicação.

Em *CA*, *é comum que as matérias reproduzam* o discurso de personagens trabalhadores, o que, muitas vezes, colabora para a seleção de uma linguagem mais simples, ou mesmo chula. Um exemplo: em “Degradação e violência no tráfico de mulheres” (*CA*, n. 147, junho), o vocabulário usado por prostitutas é reproduzido pelo jornal fielmente, tomando o cuidado de colocar em aspas esses itens lexicais (para indicar sua origem). “Putas”, “levam porrada”, “se foder”, “transa brutal”, “homem podre”, “o cara”, “dinheiro curto”, “snifando [cocaína]” são algumas das palavras e expressões que o mensário traz.

Já *LMDB*, de uma forma geral, adota tom mais acadêmico. É o que podemos ver no trecho a seguir, retirado de “Perversos contratos de trabalho”:

Dois *modos de produção* atuam de forma complementar e simultânea. O *modo arcaico* serve ao moderno para garantir uma *expansão do capital* (terras e *benfeitorias*), sem que

seja necessário *capitalizar grandes montantes de mais-valia* provenientes da parte moderna, garantindo que esta mantenha sua *competitividade* no mercado enquanto cresce. (SAKAMOTO, 2009, p. 41, itálicos nossos)

Os termos que destacamos estão ligados ao jargão econômico, usado não necessariamente por profissionais da área, mas por pessoas que tenham conhecimento específico sobre a temática da produção no capitalismo.

A segunda estratégia que analisamos, central em nossa pesquisa, é a seleção de personagens. Buscamos perceber em cada publicação quais grupos tinham espaço e voz a cada matéria, com atenção especial aos personagens trabalhadores. Sobre esse grupo específico, pudemos constatar que eles têm espaço em ambos, com algumas particularidades.

CA abre mais espaço para o depoimento dos trabalhadores. Como vimos acima em “Degradação e violência”, é comum que o mensário reproduza a fala desses personagens, dando-lhes, portanto, voz. Já em *LMDB* os personagens individuais não são tão comuns. O mensário traz mais personagens coletivos no que diz respeito aos trabalhadores. É o que acontece em “Perversos contratos”, que denuncia o trabalho análogo à escravidão no campo, sem citar ou ouvir sequer um trabalhador nessas condições. Especialistas e políticos, por outro lado, *têm voz na* publicação com mais frequência.

Outra estratégia analisada por nós foi a das relações entre explícitos e implícitos. Em “1 bilhão de mortos-vivos contra as Cutrales do Mundo” (*CA*, n. 152, novembro de 2009) temos como temática explícita a exploração dos trabalhadores rurais. A relação de mais valia, que faz parte do sistema capitalista, é uma temática implícita, como podemos ver no trecho a seguir: “vasto exército de seres humanos forçados, quando podem, a vender sua força de trabalho por *valores aviltantes* em grandes plantações. (ARBEX, 2009, p. 26, itálico nosso)

Em “Zâmbia: privatização, poluição e pobreza” (*LMDB*, n. 22, maio de 2009), podemos apontar uma relação ainda mais clara entre aspectos explícitos e implícitos. No excerto a seguir, o termo “galinha dos ovos de ouro” remete, implicitamente, às mineradoras: “O presidente Rupiah Banda anunciou que seu governo estava discutindo uma flexibilização fiscal com as empresas mineradoras. ‘Não devemos matar a galinha dos ovos de ouro’”. (SERVANT, 2009, p.47)

A quarta estratégia que analisamos foi o silenciamento. Vejamos mais dois exemplos. Em “1 bilhão de mortos-vivos contra as Cutrales do Mundo” (*CA*, nº 152, novembro de 2009), matéria que acusa as grandes empresas do agronegócio de serem as maiores responsáveis pela miséria no campo e fome no mundo, notamos que o ponto de vista dos empresários do agronegócio é silenciado. A matéria não traz nenhum depoimento, seja de empresários, seja de trabalhadores, mas defende o ponto de vista do último grupo, o qual expõe mesmo sem ouvir seus representantes.

LMDB, em uma “Uma outra matriz produtiva” (*LMDB*, nº 18, janeiro de 2009), que também questiona a produção do agronegócio, silencia qualquer vantagem que possa haver do “bio” ou “agrocombustível” – termo usado pela matéria já que, segundo *LMDB*, “não há nada de vida” neste tipo de fonte de energia. Assim, a matéria opta por enfatizar somente os aspectos negativos do negócio, silenciando outros.

Algumas dessas estratégias parecem relacionar-se estreitamente com os conceitos de credibilidade e captação. Como expusemos acima, o discurso jornalístico *é regido por uma dupla lógica*. Por um lado, é preciso captar leitores para vender exemplares e anúncios. Por outro, é preciso convencer que o jornal é digno de confiança.

Do lado da captação, temos, por exemplo, na estratégia seleção de personagens um ponto forte de atração para os leitores. *Vítimas* de explorações trabalhistas tendem a emocionar o leitor e personificar o tema. Em “Governo mantém perdas para 38% dos aposentados” (CA, n. 151, outubro de 2009) e em “Guerra do lixo massacra os catadores” (CA, n. 153, dezembro de 2009), CA traz entre seus personagens aposentados e catadores, respectivamente. Nas duas matérias, eles ganham uma retransa, em que figuram como personagens principais.

Por outro lado, em “No Brasil quem paga impostos são os pobres” (CA, n. 150, setembro de 2009), os personagens que têm voz são políticos e especialistas, que opinam sobre o assunto. É o que também acontece em “1 bilhão de mortos-vivos contra as Cutrales do Mundo” (CA, n. 152, novembro de 2009), que reproduz partes do discurso do diretor da FAO para criticá-lo depois. Nos dois casos, esses especialistas tendem a conferir credibilidade às matérias, mesmo que o ponto de vista da publicação vá de encontro ao ponto de vista desses personagens.

Em LMDB, podemos perceber abordagem semelhante. “Zâmbia: privatização, poluição e pobreza” (LMDB, n. 22, maio de 2009), “Do trabalho precário ao desemprego” (LMDB, n. 23, junho de 2009) e “O fim do pleno emprego nas maquiladoras” (LMDB, n. 28, novembro de 2009) trazem trabalhadores como testemunhas de más condições de trabalho, como baixos salários, ameaças de demissões e insalubridade. Já “Perversos contratos de trabalho” (LMDB, n. 22, maio de 2009) traz depoimentos de especialistas, reforçando o tom mais acadêmico do texto.

Em relação à credibilidade, a seleção lexical parece ter papel importante nos dois mensários. Algumas matérias de CA e de LMDB vêm repletas de numerais, numa espécie de “radiografia” das temáticas tratadas. É o que acontece em “Guerra do lixo massacra os catadores” (CA, n. 153, dezembro de 2009), que denuncia que o governo federal destinou “R\$ 5.965 milhões” para a construção de 10 galpões para reciclagem, sendo que a prefeitura teria que contribuir com somente “R\$ 228 mil”, quantia irrisória, se comparada ao gasto mensal com a limpeza da capital paulista: “R\$ 48 milhões”. Outros dados revelam a situação dos catadores: o quilo da “lata de alumínio, que já chegou a R\$ 4, agora vale R\$ 2”; alguns catadores recebem “R\$ 100 mensais”; uma tarde de trabalho, puxando uma “carroça que pesa, vazia, 20 kg”, rendeu a Vilma, personagem da matéria, “R\$ 3,50”.

“Zâmbia: privatização, poluição e pobreza” (LMDB, n. 22, maio de 2009) faz o mesmo, como podemos ver a seguir: “As análises químicas revelaram que um litro de água continha 38,5 mg de manganês, 10 mg de cobre e 1 mg de cobalto. Ou seja, concentrações 1,7, 10 e 10,7 vezes, respectivamente, mais elevadas que os níveis recomendados pela OMS” (SERVANT, 2009, p. 45, itálicos nossos).

Outro aspecto que levamos em consideração, ligado à credibilidade, é a autoridade de quem escreve as matérias jornalísticas, principalmente em LMDB, que traz um minicurrículo dos autores ao fim dos textos. Em “Uma outra matriz produtiva” (LMDB, janeiro de 2009), por exemplo, o autor é assim descrito: “João Pedro Stédile é integrante

da coordenação nacional do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e da Via Campesina Brasil” (STÉDILE, 2009, p. 9).

Do ponto de vista de *CA* (e não dos empresários do agronegócio, por exemplo), Stédile teria credibilidade e conhecimento para falar sobre agronegócio e reforma agrária.

Oposições discursivas

A partir das estratégias de convencimento que analisamos acima e das relações que estabelecemos entre credibilidade e captação, pudemos ver que a grande oposição, tanto em *CA* quanto em *LMDB*, nas matérias selecionadas, é capital x trabalho. Os mensários trazem personagens dos dois grupos e mostram o embate entre eles, opondo explorados a exploradores: operários x proprietários de fábricas, trabalhadores rurais x latifundiários, catadores x proprietários de ferro velho etc.

Os exploradores são os detentores dos meios de produção, e os explorados são os que precisam submeter-se a condições subumanas de trabalho para ganhar um salário indigno. Tanto *CA* quanto *LMDB* denunciam a relação e se colocam ao lado dos trabalhadores, muitas vezes dando voz a esses personagens. *É o que podemos ver nas matérias de nosso corpus.*

“Degradação e violência no tráfico de mulheres” (*CA*, n. 147, junho de 2009) denuncia a exploração sexual de brasileiras e explicita o sofrimento dessas trabalhadoras. “No Brasil quem paga impostos são os pobres” (*CA*, n. 150, setembro de 2009) questiona a tributação brasileira: a taxa indireta penalizaria os mais pobres, segundo o mensário, que defende uma reforma em que o grande capital e as fortunas sejam mais taxados que o consumo. “Governo mantém perdas para 38% dos aposentados” (*CA*, nº 151, outubro de 2009) responsabiliza o governo pela defasagem do vencimento dos aposentados e acusa a elite brasileira de sabotar a previdência social. “1 bilhão de mortos-vivos contra as Cutrales do Mundo” (*CA*, n. 152, novembro de 2009) acusa as grandes empresas do agronegócio de serem responsáveis pela fome no mundo. Por fim, “Guerra do lixo massacra os catadores” (*CA*, n. 153, dezembro de 2009) acusa prefeitura de São Paulo de não incentivar a reciclagem, e os empresários proprietários de ferros-velhos de explorarem os catadores.

Em *LMDB*, percebemos algo semelhante. “Uma outra matriz produtiva” (*LMDB*, n. 18, janeiro de 2009) denuncia que as terras mais produtivas e mais próximas dos centros urbanos estariam com as transnacionais do agronegócio, enquanto os trabalhadores rurais não teriam onde plantar. “Perversos contratos de trabalho” (*LMDB*, n. 22, maio de 2009) revela a exploração de trabalhadores rurais, em situação de trabalho análoga à escravidão. “Zâmbia: privatização, poluição e pobreza” (*LMDB*, nº 22, maio de 2009) expõe a exploração de trabalhadores em transnacionais, que, além de pagarem salários baixos e poluírem o país, são pouco taxadas pelo governo. “Do trabalho precário ao desemprego” (*LMDB*, n. 23, junho de 2009) aborda a produção em fábricas de brinquedo na região chinesa de Guangdong, denunciando que há exploração nesses ambientes de trabalho, e que o governo, muitas vezes, não fiscaliza essas empresas como deveria. “O fim do pleno emprego nas maquiladoras” (*LMDB*, n. 28, novembro de 2009), por sua vez, trata da situação dos operários nas empresas montadoras instaladas na fronteira do México, enfatizando baixos salários, insalubridade e desemprego.

Considerações finais

Ao estudar *Caros Amigos* e *Le Monde Diplomatique Brasil*, pretendíamos verificar se seus discursos eram, de fato, alternativos e se realmente davam espaço para trabalhadores ou defendiam o ponto de vista deles (o que não costuma acontecer em grande parte da mídia de referência em nosso país, pertencente a grandes grupos empresariais). Com a análise de elementos intra e interdiscursivos buscamos entender como são construídos os discursos desses mensários, apontando diferenças e semelhanças entre eles.

Vimos, por exemplo, que desde a primeira página *CA* e *LMDB* ganham formas um pouco diversas. A organização da primeira página é um desses aspectos diferentes: mais organizada em *LMDB* e com temas mais dispersos em *CA*. Além disso, *LMDB* tematiza assuntos nacionais e internacionais, enquanto *CA* tem foco em assuntos internos. Outra diferença é que *LMDB* se aproxima mais de um discurso acadêmico, enquanto *CA* busca tratamento mais humano para suas matérias, personificando com frequência, na temática do trabalho, o sofrimento causado pela exploração.

Mas vimos também que, se há diferenças, há diversos pontos de aproximação. As temáticas selecionadas são semelhantes, assim como as estratégias de convencimento. A relação entre credibilidade e captação também não é significativamente distinta.

Diferenças e semelhanças à parte, se é pela linguagem que as ideologias são materializadas, pudemos ver que a ideologia defendida nos discursos de *CA* e *LMDB* prioriza os trabalhadores. Mesmo com diferenças na linguagem verbal e não verbal, os mensários combatem a ideologia do capital. As diferenças entre os dois tornam-se, pois, pouco representativas se pensarmos que ambos se posicionam a favor dos trabalhadores.

Ao fim deste artigo, cremos haver atingido os objetivos a que nos propusemos, inclusive com relação às duas hipóteses. A hipótese teórica, a nosso ver confirmada ao fim deste trabalho, é que a análise dos dois discursos jornalísticos mostrou-se proveitosa ao aliarmos categorias analíticas da semiolinguística a de estudos linguísticos anteriores a ela. No encontro dessas perspectivas teóricas, pudemos levantar semelhanças em relação aos dois mensários. O produto discursivo (as doze primeiras páginas de cada edição ao longo de 2009, e as cinco reportagens de cada mensário que trouxeram como principal percurso semântico o do trabalho) nos deu pistas sobre o processo a partir do qual essas edições e reportagens foram elaboradas, quais estratégias foram usadas na construção dos discursos das duas publicações e, ainda, quais efeitos eles tenderam a causar em seus enunciatários.

Cremos haver confirmado também nossa hipótese metodológica inicial: como veículos alternativos, *CA* e *LMDB* conferem espaço à temática do trabalho e aos personagens trabalhadores, posicionando-se a seu favor.

REFERÊNCIAS

ARBEX JR., José. 1 bilhão de mortos-vivos contra as Cutrales do Mundo. *Caros Amigos*, n. 152, p. 7, nov. 2009.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.

BARTHES, Roland. Rhétorique de l'image. *Communications*, v. 4, 1964. Recherches sémiologiques. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/comm_0588-8018_1964_num_4_1_1027>. p. 40-51>. Acesso em: 15 ago. 2011.

_____. *La chambre claire: Notes sur la photographie*. Paris: Éd. du Seuil, 1980.

BOURBON, Tristan de. Do trabalho precário ao desemprego. *Le Monde Diplomatique Brasil*, n. 23, p. 21-23, jun. 2009.

BRONCKART, Jean-Paul; BOTA, Cristian. *Bakhtine démasqué: histoire d'un menteur, d'une escroquerie et d'un délire collectif*. Genève: Droz, 2011.

CAROS AMIGOS. Quem somos. *Caros amigos*, [s.d.]. Disponível em: <<http://lojacaro-samigos.com.br/Paginas.aspx?IdPagina=4>>. Acesso em: 1 out. 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. *Les médias et l'information: l'impossible transparence du discours*. Bruxelles: Ed. De Boeck Université, 2005.

_____. *O discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (Org.). *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

DUCROT, Oswald. As Leis de Discurso. In: _____. *O dizer e o dito*. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1987. p. 89.

EDITORIA. In: NOVO manual de redação. São Paulo: Folha de São Paulo. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_edicao_e.htm>. Acesso em: 20 ago. 2013.

EMEDIATO, Wander. Os lugares sociais do discurso e o problema da influência, da regulação e do poder nas práticas discursivas. In: LARA, Gláucia M. P.; MACHADO, Ida L.; EMEDIATO, Wander (Org.). *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. v. 1, p. 71-91.

FARIA, Antônio Augusto Moreira de; PINTO, Rosalvo Gonçalves et al. (Org.). *Poemas brasileiros sobre trabalhadores: uma antologia de domínio público*. Belo Horizonte: Viva Voz, 2011.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2001.

_____. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

FLORES, V. do N. et al. (Org.). *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

LAMBERT, Frédéric. *Mytographies – La photo de presse et ses légendes*. Paris: Edilig, 1987.

LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL. Quem somos. *Le Monde Diplomatique Brasil*, [s.d.]. Disponível em: <http://www.diplomatique.org.br/quem_somos.php>. Acesso em: 25 abr. 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

_____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.

RODRIGUES, Lúcia. No Brasil quem paga impostos são os pobres. *Caros Amigos*, n. 150, p. 28-31, set. 2009a.

_____. Governo mantém perdas para 38% dos aposentados. *Caros Amigos*, n. 151, p. 18-20, out. 2009b.

_____. Guerra do lixo massacra os catadores. *Caros Amigos*, n. 153, p. 36-39, dez. 2009c.

ROSSETTI, Carolina. Degradação e violência no tráfico de mulheres. *Caros Amigos*, n. 147, p. 12-25, jun. 2009.

SAKAMOTO, Leonardo. Perversos contratos de trabalho. *Le Monde Diplomatique Brasil*, n. 22, p. 22-23, maio 2009.

SÉRIOT, Patrick. Préface: Voloshinov, la philosophie de l'enthymème et la double nature du signe. In: VOLOSHINOV, Valentin N. *Marxisme et philosophie du langage: les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage*. Limoges: Lambert-Lucas, 2010. p. 13-110.

SERVANT, Jean-Christophe. Zâmbia: privatização, poluição e pobreza. *Le Monde Diplomatique Brasil*, n. 22, p. 30-31, maio 2009.

SOARES, Maria J. H. *Trabalhadores, personagens em discursos de mensários sociopolíticos: Caros Amigos e Le Monde Diplomatique Brasil*. 2013. 270 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

STÉDILE, João Pedro. Uma outra matriz produtiva. *Le Monde Diplomatique Brasil*, n. 18, p. 9, jan. 2009.

TÉTU, Jean-François. La mise en page. In: MOUILLAUD, M.; TÉTU, J.-F. *Le journal quotidien*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1989. p. 67-70.

VIGNA, Anne. O fim do pleno emprego nas maquiladoras. *Le Monde Diplomatique Brasil*, n. 28, p. 26-27, nov. 2009.